

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

**DRAMATIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE APROPRIAÇÃO DO
CONHECIMENTO NA CRIANÇA SURDA EM IDADE PRÉ-ESCOLAR**

CURITIBA

2004

ELENICE CORDEIRO DE OLIVEIRA

**DRAMATIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE APROPRIAÇÃO DO
CONHECIMENTO NA CRIANÇA SURDA EM IDADE PRÉ-ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de especialista no curso de educação Especial / Inclusão oferecido pela Universidade federal do Paraná / DEPSI em convênio com a Secretaria de Educação de Pontal do Paraná / CEAD

Orientadora: Prof^ª Ms Márcia Ramos de Sá Guimarães.

CURITIBA

2004

Agradecemos

Ao meu marido Olison Ribeiro Leal, que sempre me incentivou na realização deste trabalho.

A minha mãe pelo amor e dedicação.

A todos que, direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho.

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.

(Rubem Alves. A alegria de Ensinar)

SUMÁRIO

RESUMO.....	01
INTRODUÇÃO.....	02
2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	04
2.1 A DRAMATIZAÇÃO.....	04
2.1.1. A DRAMATIZAÇÃO TEM FUNÇÃO EDUCATIVA.....	06
2.1.1.1A IMPORTÂNCIA DA DRAMATIZAÇÃO NA INFÂNCIA.....	08
2.1.1.2 OS CONFLITOS PSICOLÓGICOS QUE PODEM SER OBSERVADOS ATRAVÉS DA DRAMATIZAÇÃO.....	10
2.1.1.3 CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS EM CADA IDADE.....	12
2.1.1.4 CUIDADOS AO EMPREGAR A DRAMATIZAÇÃO.....	17
2.1.1.5 VALORES QUE PODEM SER TRABALHADOS NA DRAMATIZAÇÃO.....	21
3. A DRAMATIZAÇÃO EM PROL DOS DEFICIÊNTES AUDITIVOS...	22
2.2 DEFICIENTE E CLASSIFICAÇÃO DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA.....	28
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

RESUMO

O estudo focaliza a Dramatização como instrumento auxiliar no processo ensino-aprendizagem do educando surdo, procurou-se oferecer as pessoas e Instituições que trabalham com crianças surdas mais um recurso pedagógico que auxilie o educando surdo na apropriação do conhecimento. Como metodologia de trabalho, realizou-se uma revisão bibliográfica, mediante leitura sistemática, com fechamento de cada obra, ressaltando os pontos abordados pelos autores pertinentes ao assunto em questão. O movimento é a expressão da emoção, além de permitir a apropriação simbólica e abstrata dos objetos. Antes de agir diretamente sobre o meio físico, o movimento atua sobre o meio humano, mobilizando as pessoas através das emoções. A medida que aumenta a dimensão cognitiva do movimento, cresce a autonomia da criança sobre a realidade exterior, o que reduz sua dependência em relação aos adultos. A criança passa a agir como sujeito distinto dos outros, através da imitação e representação. Este processo se dá sob forma de uma exuberância de gestos e de movimentos corporais. Concluiu-se portanto que as atividades dramáticas são um recurso eficiente na apropriação do conhecimento do educando surdo, auxiliando de forma positiva o desenvolvimento infantil.

PALAVRAS CHAVES

Criança, Surdes, dramatização, aprendizagem, libertação.

INTRODUÇÃO

A criança ouvinte chega a escola com uma enorme bagagem cultural, de vocabulário e quase todas as estruturas lingüísticas prontas, o surdo pouco traz além da imagem visual. Sua compreensão fica prejudicada por falta da percepção acústica. Isso acarreta uma coleta maior de dados visuais. Até que ponto isto dificulta suas relações, prejudicando assim a apropriação de conhecimento por parte deste educando surdo?

No meio social, o surdo se comunica de vários modos, com o gesto, com a mímica, a dramatização, e com o desenho. Sendo esta linguagem limitada e parcial, porque não é compreensível a todos, a tendência do surdo é formar a própria comunidade inserida em uma maior.

As línguas gestuais visuais são um instrumento que permite ao surdo desenvolver seu potencial cognitivo, oferecendo-lhe possibilidades de libertação do real concreto e de socialização, pois de maneira geral, a sociedade utiliza a comunicação verbal nas suas relações, por isso, a vivência de um surdo é, antes de tudo, de isolamento, por conta de não lhe possibilitarem outras situações de aprendizagem.

Sendo assim, como é possível ao educando surdo ter possibilidades de apropriação do conhecimento?

A surdez tem sido mais recentemente não apenas como uma deficiência sensorial mais como uma síndrome que afeta o desenvolvimento emocional, social e cognitivo do sujeito na medida em que estabelece uma barreira de comunicação entre aqueles que ouvem e, portanto, comunicam-se oralmente, e aqueles que, por não ouvirem, apresentam extrema dificuldade de entender a fala e de se comunicar oralmente. A audição e a linguagem oral são assim entendidas como funções interdependentes que proporcionam ao homem a possibilidade de comunicar-se com os outros homens e com o mundo, promovendo crescimento intelectual e integração social.

A ausência de sensações auditivas ocasiona, sem dúvida, uma alteração significativa na estruturação das percepções, afetando os níveis de simbolização e conceituação. A real incapacidade do surdo não é a perda da audição e, sim, os problemas de comunicação decorrentes.

Acreditando que as atividades dramáticas são um recurso eficiente na apropriação do conhecimento, favorecendo o desenvolvimento do educando surdo esta monografia visa dar uma contribuição as pessoas e instituições que trabalhem com crianças surdas mais um recurso pedagógico que auxilie o educando surdo na apropriação do conhecimento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Dramatização

Durante muitos anos escolas particulares proporcionaram como atividades paralelas apenas aulas de inglês, ballet, judô e mais recentemente a partir dos anos 90, informática. O teatro atualmente tem adquirido um novo campo de atuação nas escolas, tendo possibilidade futura de inserir-se em escolas públicas, salva que algumas já o desenvolve.

A dramatização lida diretamente com a emoção. Sua atuação traz a tona às personalidades das crianças, suas alegrias, medos e ansiedades, levando-as a enfrentar e resolver questões reais e lúdicas ligadas diretamente a suas rotinas de vida,. Auxiliando de forma positiva e significativa no desenvolvimento infantil.

A autora Lucia de Lemos em seu livro *Dramatização na Escola Primária* descreve o desenvolvimento infantil de uma forma bastante significativa:

“Criança é uma criatura cheia de fantasia e de sonho. Seu espírito criador e a curiosidade insaciável que alimenta e não tem limites. Seus esboços prometem formas próprias, inéditas, e as expressões que inventa ricas de sabor e conteúdo, fazem prever um crescimento de força e criação, resultando em qualquer coisa como da nova era, mais fecunda, original e forte.” (LEMOS, 1968,p. 12)

Tal descrição conduz ao pensamento do dever em função desse espírito criador tão belo e a tona na infância.

O trabalho de criação evolui até chegar à criação artística, literária, musical, dramática, coreográfica, plástica e cria “apetite estético”. Esse apetite tem uma necessidade essencial, vital, de exprimir-se, pelo jogo evidentemente, mas também por todas as criações manuais, corporais, e vocais,. Ao desenhar, pintar, saltar ou cantar ela está satisfazendo a uma necessidade tão fundamental quanto a de comer respirar e dormir. Exprimindo-se, a criança descobre e explora suas possibilidades, progride, encontra virtudes, afirma-se e, assim, constrói sua personalidade. Exprimindo-se, o indivíduo marca o seu lugar no grupo social.

Todo o meio de expressão requer aprendizagem e tende do aperfeiçoamento. O gesto, a linguagem falada e escrita, são primeiros instrumentos de comunicação. Todavia o que denomina hoje especialmente nos meios de expressão são aqueles processos que, melhor que a palavra traduzem os sentimentos íntimos. As artes plásticas, picturais e musicais, a dança, o ritmo, a dramatização, eis os processos que, em graus diversos, despertam, cultivam e requintam a exteriorização da realidade interior (SCHMDT , 1958 p. 114).

Cabe a dramatização como um dos processos da educação, o papel de desenvolvimento social, criador e reflexivo na infância que denotará no futuro em um adulto seguro, capaz e voltado ao sucesso pessoal e profissional.

“A dramatização não é , portanto, imitação apenas, é a atividade de auto-expressão,. Quando a criança escolhe seu papel, é o seu caráter que ela define, seus sonhos que ela encarna. Através da representação, ela toma consciência de si própria, o que é sempre motivo de contentamento. As crianças que mais utilizam a dramatização são as de maior sensibilidade, porém bem adaptadas socialmente. O papel de educador é de ensinar a discernir aquilo que se presta a uma interpretação dramática, de propor temas adequadas á idade e a feição do grupo, e de auxiliar na escolha desses temas.” (SCHMDT, 1958 p.142)

Por isso, o processo de dramatização requer domínio de quem o ministra, tanto em nível de conhecimento dramático, como infantil e psicológico. A ilustração de sua importância não poderá de forma alguma ser esquecida ou ignorada. Atualmente, a bagagem de informações transmitida pelo corpo docente constitui-se na maior parte em conhecimento exclusivamente livresco. Cabe a dramatização em sua função educativa, transmitir mais do que conhecimento, auxiliar no desenvolvimento da personalidade e maturação do ser.

2.1.1 A Dramatização tem Função Educativa

O Infante através da representação dramática tem a possibilidade de exteriorizar sentimentos, e fazer apontamentos através da utilização de sons, palavras mímicas e ritmos próprios.

Com o jogo dramático a criança tem a oportunidade de observar e reconhecer gestos, atitudes, falas e comportamentos, o que permite o aprofundamento da observação, desenvolvendo um senso crítico lúdico, com base na veracidade, tornando-se capaz de manter seqüência lógica no desenrolar da representação dramática.

A criança acaba revelando seu temperamento através da dramatização torna-se evidente as características daquela que apesar da vontade de participar é prisioneira da inibição, da eu não partilha material ou idéias, a que possui senso de liderança, a vaidosa, a superficial, a que não possui iniciativa ou vontade própria, daquela que é simplesmente apática, e aquela que demonstra excelente capacidade criadora e de integração com o grupo. Com essas observações é possível ajudar a criança a vencer suas limitações e desenvolver suas qualidades em prol do grupo e de si mesma. Aprendendo a lidar com suas emoções, a trabalhar em grupo, a compartilhar, respeitar, a aguardar o momento oportuno de expor suas idéias e pensamentos, a falar e demonstrar-se em público, a raciocinar com objetividade e lógica.

Através do teatro diversos tipos de realidade se contrapõem, a realidade social pode ser reproduzida, mas também modificada cenicamente para algo melhor. Possibilita ao infante considerar os fatores relevantes, aponta-los e analisa-los.

“Para Piaget, ao manifestar a conduta lúdica, a criança demonstra o nível de seus estágios cognitivos e constrói conhecimentos.” (KISHIMOTO, 1997p.32).

A função do educador por sua vez não é de ensinar, mas sim de observar e compreender a evolução do aluno, instruindo-o e encorajando-o a tomar atitudes que promovam seu desenvolvimento.

A dramatização auxilia o infante a solucionar, de maneira espontânea seus próprios conflitos, trata-se de um recurso pedagógico para o amadurecimento da criança, sem impor fatores exteriores a si próprio, Através do estímulo que encoraja a busca de soluções e determina a autoconfiança, o conduz cognitivamente a uma personalidade de iniciativa, observa-se que as crianças tornam-se mais receptivas

ao testar novas possibilidades quando em situações recreativas, do que em outras atividades.

Durante a aula dramática faz-se necessário escolher adequadamente os temas a serem aplicados, considerando os interesses de acordo com a idade, os fatores e condições externas que interferem no momento e o espaço disponível. Temas muito repetidos causam desinteresse. O educador deve procurar conhecer os desejos das crianças, observando-as enquanto deixa-as manifestar-se livremente (DIEM, 1981,p.8)

O teatro não só tem função de recreação, como também de favorecer o ensino de conteúdos escolares, observando as características proeminentes do Grupo infantil a ser trabalhado, ajustando o ensino as peculiaridades e necessidades desse grupo.

O corpo docente evolui pedagogicamente com a possibilidade de constatar a riqueza da expressão dramática, juntamente com proveito que podem alcançar através das atividades artísticas. Compete ao ensino o papel de formação cultural e artística do infante, ocasionando a reflexão, a comparação e a criação, cultivando o ser interior.

Criados que fomos à semelhança do criador sentimos o impulso para criar num pequeno esforço de introspecção, podemos verificar que nossos momentos de inexplicável aborrecimento ou nostalgia são aqueles em que não sentimos aproveitada nossa capacidade de ação(GOUVEA, 1963 p. 18)

Conclui-se que a dramatização tem fator educativo quando é trabalhada racionalmente visando o desenvolvimento físico, mental e social da criança, atuando como um artifício ao ajustamento.

As teorias construtivistas é que apontaram os jogos como um elemento auxiliador à aprendizagem, incentivando o ambiente escolar a ser rico em quantidade e variedade de jogos, para que os alunos através da manipulação trabalhem conceitos e raciocínios lógicos.

O ritmo presente desde a pré-história manifesta-se no ser humano nos primeiros meses de vida, quando o nenê balança-se e balbucia os primeiros sons na busca de algo próximo a um compasso musical. O movimento, portanto, pertence ao repertório infantil e é revelador das emoções presentes. Fazem parte do

desenvolvimento as noções adquiridas de espaço, como distância, tamanho, e igualdade, a consciência das possibilidades e limitações corporais.

Com atividades que tem por base exercícios rítmicos, é possível aguçar as capacidades sensoriais, o poder criador, como também, libertar a personalidade. Devido a esses aspectos positivos o ritmo é empregado com sucesso pela pedagogia na alfabetização infantil e em trabalhos de socialização.

A constatação de que os desenvolvimentos motrizes, cognitivos e emocionais encontram-se intimamente ligados, conduz a visão de que não se deve trata-los separadamente, e a melhor maneira de aborda-los é através da dramatização.

Fazem parte dos objetivos de aprendizagem: a espontaneidade, autoiniciativa, autocontrole consciente, a capacidade de improvisação, a coordenação, a força, a resistência, a aquisição de habilidades e técnicas.

A arte como atividade paralela a escola tem grande valor no desenvolvimento infantil porque se preocupa com além do intelecto, pois a educação não pode basear-se apenas em nível cerebral, é necessário conceber o ser como um todo, seus sentimentos, hábitos, tendências, percepções. Favorecer a possibilidade de transpor a educação pela linguagem oral e permitir a formação do ser integralmente, favorecendo a constante reflexão da vida e de seus desafios.

Cabe ao educador incentivar o aprendiz a exibir suas criações dando-lhe a confiança que as mesmas tem valor. Estimular a busca de novas formas sem intervir, porque a preferência do professor pode causar a limitação da inspiração do aluno, além do que a facilidade provoca a acomodação e prejudica o desenrolar natural da criação.

2.1.1.1 A importância da dramatização na infância.

A importância da dramatização na infância se dá pelo fato de aguçar a imaginação, permitindo que a criança possa pensar, sentir, criar e agir.

Torna-se um recurso educativo à medida que incita a criança a criação e observação, apura a sensibilidade artística, trabalha o reconhecimento e a maneira de lidar com os mais diversos sentimentos, desenvolve a reflexão, incentiva a pesquisa, explana e expande conceitos.

Através da representação dramática a criança aperfeiçoa a observação analítica de acontecimentos e emoções superando dificuldades através da inflexível procura nos exercícios dramáticos.

Faz parte também, dos fazeres dramáticos a eliminação de conceitos incertos, a impropriedade de linguagem, a inadequação de vocabulário e dificuldades de comunicação.

Eis, a possibilidade da criança se libertar, exprimir seus sentimentos e pensamentos, produzindo rumos diversos a sua liberdade criadora. Tem-se como princípio nas atividades teatrais elevar o conhecimento do aluno, estabelecer como meta o lugar da criança a frente de situações que permitem a utilização de noções prévias para a elaboração de conhecimentos mais aguçados.

Por meio da dramatização podem desenvolver-se o raciocínio lógico, a observação mais aprofundada dos fatos e a reflexão. Pode-se propor a criança a efetuar uma análise crítica de uma história, desenho, filme ou artigo, enfocando o que não está explícito, mas que pode ser encontrado nas entrelinhas.

Por exemplo, o desenho televisivo do Pokemons, que são uma espécie fictícia de bichinhos de estimação com superpoderes, o qual travam batalhas aonde um Pokemon luta com outro para ver quem é o melhor, como nas lutas de artes marciais. Neste desenho os vilões são a equipe rocket, que toda vez que vão entrar em ação declaram um discurso: "Para proteger o mundo da devastação ou para unir todas as pessoas de nossa nação. Seja para denunciar os males da verdade e do amor ou para estender o nosso reino as estrelas. Jessie, James." E em seguida aprontam as peripécias mais diabólicas.

As entrelinhas do que está sendo exposto neste desenho do Pokemon através da equipe Rocket é o discurso político. O que freqüentemente assistimos nas eleições, promessas, discursos que não são cumpridos. A mensagem que o desenho Pokemon nos transmite é que nem tudo que é dito corresponde à realidade, que os discursos bonitos podem, as vezes, serem declamados por pessoas de pouco caráter. O desenho televisivo desempenha de uma forma bastante sucinta a conscientização política.

A aprendizagem na dramatização é a junção do conhecimento do que se está adquirindo, com as informações que já possuem.

Educar pela arte significa despertar a criatividade na criança. O professor tem que ter a capacidade de formular concepções, visões gerais, além da competência técnica e pedagógica.

A arte é ao mesmo tempo expressão e comunicação. O desenvolvimento da compreensão do mundo, como o próprio verbo compreender, caminha ao lado. E aprendendo, ligando alguma coisa.

A importância da dramatização está também nos exercícios de expressão corporal, que auxiliem a criança a desenvolver a coordenação motora, o ritmo, força e postura.

Através do jogo teatral é possível trabalhar a expressão e consciência, tanto corporal como mental, permitindo que a criança conquiste a auto-suficiência.

Acidentes só ocorrem quando as crianças não estão seguras e conscientes de seus limites, quando não são capazes de dominar determinadas situações. (DIEM, 1981, p.2).

Dentro do jogo dramático normas e responsabilidades são assumidas, a integração do grupo promove a educação social e o ajustamento à vida. Dentro dessa constante a criança aprende a assimilar acontecimentos positivos e eliminar frustrações. O processo do grupo introduz a vida coletiva, e através de fundamentos políticos e sociais encaminha-se à democracia.

2.1.1.2 Os Conflitos Psicológicos que podem ser observados através da Dramatização.

Faz parte do desenvolvimento infantil, o medo do escuro, de alguns animais e de conhecer novas pessoas. Nem sempre a criança expressa verbalmente seus sentimentos, esses podem transparecer através de fatores orgânicos como dor de barriga ou de cabeça.

O ser humano quando perante as ocasiões desagradáveis, em seguida esforça-se para esquecê-las. No entanto, o abalo da emoção permanece no inconsciente. É provado cientificamente que a mente quando angustiada pode ocasionar reflexos no corpo como tosse, espirros ou dores, o qual denomina-se como doenças psicossomáticas.

Normalmente a escolha de uma personagem ou um determinado assunto apontado pela criança não ocorrem ao acaso. A criança sabe perfeitamente o que quer interpretar e nessa escolha pode estar ocultado aquilo que gostaria de ser, o seu sonho mais íntimo projetado em uma personagem, ou ao contrário, aquela coisa que mais repudia, escondida no seu íntimo.

Por meio da dramatização existe uma probabilidade considerável de que a criança desenvolva inconscientemente pequenos psicodramas relatando e exprimindo seus atuais problemas; e pela exposição desses psicodramas o professor obtém informações sobre a vida do pequeno ator.

É importante destacar que os problemas psicológicos que podem ser observados não se tratam de uma manifestação única, mas um conjunto de distúrbios que tem características e comportamentos semelhantes, dentro de uma tendência de personalidade de uma forma de doença.

No mundo moderno muito dos distúrbios psicológicos são ocasionados devido à separação prolongada ou brusca dos pais. Sujeitando a criança a fazer e desfazer constantemente seus relacionamentos com as pessoas adultas, que a priori representam figurativamente à criança proteção. A constatação que não se pode ter a proteção esperada e o afeto desejado pode ocasionar sérios conflitos de personalidade. O meio ambiente é inquestionavelmente o principal responsável pelos desajustes.

Conflitos psicológicos que promovem sentimentos de medo, agonia, distância afetiva, limitações na comunicação, ausência de eficácia na execução de determinadas atividades ou a falta de domínio do eu da criança é demonstrada por atitudes que revelam o egocentrismo. Caracteriza-se o egocentrismo pela dificuldade da criança renunciar o seu ponto de vista próprio e absoluto a fim de inserir-se no grupo, flexibilizando-se as regras do mesmo, abrindo mão do individual e mantendo relação com outras perspectivas.

O ser humano sempre estabelece uma imagem referente a si mesmo, um autoconceito, que resulta da maneira como se vê e de como imagina ser visto pelos outros.

A criança no seu desenvolvimento, percebe e testa o tipo de reação que provoca no adulto em virtude de determinadas atitudes. O tratamento que recebe do adulto reflete um percentual nos traços de caráter a ser adquiridos.

2.1.1.3 Características Psicológicas em cada idade.

Na infância encontra-se o mundo do imaginário e do inconsciente, principalmente entre os oito e onze anos, onde o infante em seu amadurecimento psicológico enfrenta conflitos do inconsciente que sobressaltam na puberdade.

Freud já descrevia importância do inconsciente afirmando que o mesmo ocupa grande parte da mente humana. Ele descreve o inconsciente como um círculo amplo que resguarda um círculo menor, a consciência. E assegura que tudo que é consciente já passou por estágios de inconsciente, o que faz com que as pessoas sejam capazes de dominar completamente seus pensamentos não significando necessariamente, que o consciente e o inconsciente não se relacione entre si, afinal o inconsciente não se trata necessariamente de um local onde o consciente armazena todas suas perturbações. Freud esclarece melhor essa hipótese através da teoria da trindade humana, onde se encontra o Id, fonte dos impulsos instintivos em que predomina o inconsciente, o Ego, elemento racional da personalidade em que se estabelece o consciente e o Superego, que é a consciência moral constituído pelos valores éticos aceitos pela sociedade, a junção desses três elementos é responsável pela personalidade comportamento do ser humano.

Entre as crianças até sete anos ocorre a predominação do lúdico, somente após dez anos ocorre a apreciação de regras nas atividades afins. Cabe ao educador permitir a possibilidade de escolha de texto e atividades conforme a idade e escolaridade, resgatando hábitos como leitura, interpretação e raciocínio aliados ao conceito de atividade prazerosa. À medida que a criança desenvolve e aperfeiçoa suas habilidades, mais aumenta o seu interesse e estímulo. “A experimentação livre e a certeza da permissão para criar são decisivos”. (DIEM, 1981, p. 6)

Ao lidar com elementos de aprendizagem, faz-se necessário ter sempre em vista que para a aprendizagem ocorra é necessário que a criança tenha um certo nível de conhecimento.

Não é propriamente a idade que determina o grau de desenvolvimento da criança. Além dos fatores hereditários e congênitos, influem no ritmo do amadurecimento dos seres humanos, a alimentação, as moléstias adquiridas e várias outras contingências do meio...há, entretanto, uma evolução natural e os seres humanos apresentam certo grau de maturidade e, conseqüentemente, determinado interesse por algumas atividades ou brinquedos numa seqüência mais ou menos constantes. A criança não atira as coisas antes de poder segurá-las, não brinca de roda antes de andar e cada fase na vida se caracteriza umas tantas capacidades que se afirmam. (GOUVEA, 1963 p.40)

Podem fazer duas diferenciações entre o ser cognoscente, aquele que caracteristicamente é pensante, efetua logicamente o raciocínio e encontra-se mais interagido na realidade, e aquele que é apaixonado, estabelecendo-se no impossível, tendo o desejo como princípio. Observar e reconhecer essas características no infante é de suma importância para auxiliá-lo em seu desenvolvimento psicológico.

É sem dúvida, através da imitação que o ser humano aprende a falar a andar, a comer sozinho e a executar tantas outras tarefas.

As representações teatrais tem como base imitações informais, como a imitação da mãe em seus afazeres. Apesar da informalidade a criança encara com seriedade a escolha de seus papéis. No decorrer da dramatização a criança é capaz de fazer vir à tona os mais complexos sentimentos.

Segundo Piaget a primeira fase do ser humano a do bebê, caracteriza-se pela repetição, reconhecimento e generalização, a inteligência nessa fase é sensório-motor e esta centralizada no próprio corpo. Dos dois aos quatro anos a criança avança para o pensamento pré-operatório, onde a criança desenvolve pré-conceitos e pré-relações com objetos, percebendo o poder de suas ações sobre os mesmos. No estágio dos cinco aos seis anos ocorre a descentralização, a criança deixa de olhar para si e volta sua atenção para as variáveis dos objetos, como volume e elasticidade.

Essas características são importantes, porque ao observar, por exemplo, crianças de quatro anos conversando entre si, verifica-se que cada uma estabelece

diferentes definições a situações semelhantes, sem perceber ou avaliar tais diferenças, essa característica salienta-se inclusive no jogo de regras, onde cada qual estipula sua própria regra sem sentir necessidade de compartilhá-la com o grupo, não seguindo portanto, regras coletivas.

A criança de 4 a 6 anos só consegue seguir regras simples. Muitas vezes ela quebra as regras do jogo, mas não o faz intencionalmente, e sim porque ainda não consegue se lembrar de todas as regras. Neste estágio, a criança não dá muito valor à competição, pois não tem uma ideia muito definida do que é ganhar e perder. Geralmente ela não joga para vencer ou superar os outros, mas pelo simples prazer da atividade. O educador deve procurar não despertar o sentimento de competição acirrada, aproveitando essa disposição natural da criança para jogar pelo simples prazer de jogar. Além disso, deve selecionar jogos simples, com poucas regras, para serem praticados pelas crianças que estão nesta fase de desenvolvimento.

A interação social precisa ser incentivada, dando-se destaque às atividades de linguagem. (RIZZI, 1997, p. 15)

Já na fase operatória, a criança além de brincar interessa-se em aprender e trabalhar, expor-se à necessidade de alta-expressão, e salienta-se o interesse pelas regras, que passam a ter valor do sagrado, a conservação da tradição que é firmada entre os jogadores, no entanto os mesmos jogam mais uns ao lado dos outros, do que realmente contra. Outra característica é que a criança nessa fase não é capaz de conservar suas definições, é comum numa conversa a criança comentar sobre algo e em seguida afirmar o contrário, sem considerar que tal contradição possa complicar o desenrolar do diálogo.

Durante o período dos dois aos sete anos, embora a inteligência seja capaz de raciocinar sobre símbolos e signos, aumenta-se a capacidade de estabelecer seqüências entre os fatos, ou seja, a criança é capaz de raciocinar coerentemente desde que possa manipular objetos ou imaginá-lo numa circunstância de manipulação.

Na área da representação infantil, dominam os conteúdos da memória, vivência emocional, que perturbam o processo do pensamento abstrato. A criança desenvolve melhor a capacidade da imaginação concentrada pelo manuseio ativo e enfrentando concretamente as situações. Expressões gráficas, técnicas de desenho, a pintura e a modelagem servem para reforçar o processo de aprendizagem desportiva. As crianças gostam de aplicar essas atividades em conexão com experiências vividas. (DIEM, 1981, p.20)

As crianças não entendem diferenças sutis dentro de um mesmo procedimento, e muitas ocasiões surpreendem-se quando reprimida por uma certa atitude que em outras ocasiões é permitida ou diferente. Como o caso de uma criança, em que a mãe numa lanchonete a advertiu que não é de bom tom aceitar a comida oferecida pelos integrantes da outra mesa. E quando o amiguinho que estava brincando com ela no parquinho se aproxima da mesa, pegando uma batata frita ela o censura. A mãe por sua vez, lhe esclarece que ela deve compartilhar a comida, a menina confusa indaga com a mãe que ela não pode comer a comida dos outros e seu amiguinho por sua vez não está sendo educado ao pegar a batatinha.

A terceira e última fase, após os onze anos caracteriza-se pela autonomia, o respeito pelas regras decorrem de vários acordos entre os jogadores, novas regras são submetidas à apreciação e aceitação de todos. Nessa etapa salienta-se a busca da aprovação do grupo, que proporciona satisfações, mas em suas exigências estabelece restrições à liberdade individual, pois, a regra é que cada um decida em virtude do bem comum.

Os jogos tornam-se cada vez mais coletivos e menos individualistas, uma vez que a criança já tem noção do que seja cooperação e esforço grupal, e exige regras definidas para regulamentar o jogo. Ela observa e controla os outros membros do grupo para verificar se estão seguindo adequadamente as regras. (RIZZI, 1997,p.15)

Não podemos deixar de abordar a sexualidade. Ao falar em Educação Sexual faz-se necessário ter-se em vista que é uma prática iniciada na infância, a criança naturalmente à medida que vai crescendo manifesta curiosidade pelos órgãos sexuais, e é capaz de sentir prazer ao tocá-los, como também sentem se curiosas em relação à maneira como vieram ao mundo. Muitos adultos têm dúvida em relação ao período apropriado para conversar sobre sexualidade com a criança, o melhor momento, é sem dúvida quando as perguntas surgem, respondendo-as claramente, sem atropelos, como por exemplo, quando a criança perguntar de onde veio. Basta responder que foi da barriga. Nesse instante a curiosidade é satisfeita. Futuramente ela irá indagar como entrou na barriga. Outro aspecto é a masturbação que não deve ser punida, mas sim esclarecida. A punição pode causar sérios problemas psicológicos e fazer com que a criança torne-se um adulto reprimido sexualmente, falar abertamente sem preconceitos elimina problemas sexuais a longo prazo. É importante que a criança sintam-se seguras das informações fornecidas no berço familiar.

O Complexo de Édipo é uma teoria desenvolvida por Freud que designa as fantasias incestuosas e os sentimentos de culpa e ansiedade que acompanham o desenvolvimento da sexualidade infantil. O período que o Complexo de Édipo se estabelece é entre os 3 à 6 anos de idade, onde o menino a tomar consciência de seu órgão genital teme ser castrado pelo pai, que é a figura que estabelece a autoridade. Pode-se afirmar que o amor do menino pela mãe durante essa fase é extremamente exclusivista, no entanto, estabelece um conflito entre a raiva e os sentimentos de amor e admiração nutridos pelo pai. Já a menina, dentro do complexo de Electra, responsabiliza a mãe pela suposta deficiência anatômica, transferindo sua afeição ao pai na expectativa que ele possa lhe dar o pênis que não possui.

A educação sexual depende da cultura, classe social e religiosidade que rodeia o ambiente familiar, o que faz com que cada família eduque sexualmente de maneira diferente.

A homogeneidade de informações pode ser adquirida na escola, quando a informação passa ser a mesma para todos os alunos. A Educação Sexual torna-se parte do currículo escolar a partir da 5ª série, quando se inicia a puberdade e a

necessidade de esclarecimentos sobre ejaculação e menstruação. Atualmente devido à transmissão do vírus HIV e a inúmeros casos de gravidez na adolescência, que colocam em risco as vidas do bebê e do adolescente, em virtude da estrutura física da menina não estar inteiramente desenvolvida para a gestação; o Governo, a saúde e as instituições Educacionais estão procurando atuar mais intensamente em campanhas de esclarecimento sexual.

É importante ter como critério que a Educação Sexual na escola tem papel de complementar as informações adquiridas através da família. A escola deve abordar todos os aspectos que envolvem o tema sexualidade, com o cuidado de não impor tabus, e sim esclarecer as diferenças existentes e os métodos que visam a segurança física na prática sexual.

Na prática o professor pode através de ilustrações e vídeos aproveitar o que é transmitido através da mídia sobre o assunto, incentivando os alunos a pesquisarem em artigos de jornais e revistas relatos sobre o tema, assim como as diferenças culturais existentes nos diversos países e as informações adquiridas no lar.

Na dramatização é necessário observar a característica de cada fase, estabelecendo atividades e responsabilidades compatíveis com cada idade, e auxiliar o infante somente naquilo que não puder fazer por si. A criança que tem a possibilidade de raciocinar e resolver por si, estatisticamente será um adulto capaz de resolver suas dificuldades sem auxílio.

2.1.1.4 Cuidados ao Empregar a Dramatização

Ao fazer uso da dramatização deve-se ter o cuidado e a preocupação com o universo mental infantil, que apesar de completo não raciocina logicamente. A atenção da criança só prevalece em relação às coisas que atraem, e com um único objetivo de satisfazer os seus desejos. Pode se descrever sua inteligência como prática. Enquanto o ator tem consciência da distância que separa o real do imaginário, a criança não consegue dissociar esses dois mundos, ela não tem a maturidade psicológica indispensável para a interpretação teatral. Por esse motivo, quando se refere à faculdade infantil, evita-se utilizar o termo representação teatral, dando-se preferência ao designo dramatização.

A dramatização provém da proposta de um tema que desempenhe a função de conduzir a imaginação da criança, fazendo-se necessário à intervenção de um adulto orientando e supervisionando a representação. Outra questão, é da discordância que assume uma função tão importante quanto o consentimento, o infante só aprende a comportar-se adequadamente em face desta superposição de experiências aprazíveis e desagradáveis.

A dramatização entra nas escolas como um método de evitar a coação infantil. Designa-se coação quando em uma relação há a interferência de um componente de autoridade ou prestígio. Tal aspecto verificasse com freqüência de um componente de autoridade ou prestígio. Tal aspecto verificasse com freqüência em sala de aula, aonde a criança toma por verdade o que lhe foi exposto, não necessariamente por ter sido convencida da questão divulgada, mas porque foi transmitida por alguém que o atributo é o saber absoluto.

A cultura e a arte adentram como elementos de reflexão. A discussão, a troca de pontos de vista encaminham a uma relação interindividual, o da cooperação. É interessante observar a diferença entre o agrupamento natural infantil, e o agrupamento formal estabelecido pelos adultos. É comum ver um grupo de crianças passar a tarde inteira designando se papéis a brincadeira, como quem vai ser a mocinha, o bandido, o xerife, em que local será a casa, o bar, quem vai ser amigo de quem, e de repente terminarem a brincadeira sem se quer ter começado. " A técnica de viver em grupo é a mais essencial para o ajustamento individual. "(SCHMDT, 1958 p. 68).

A criança ao expressar sua idéia, esta tendo a oportunidade de se auto afirmar.

A escola formal não investiga nem observa, por isso mesmo, não favorece a reflexão pessoal sobre a vida e seus problemas. Uma das formas de revolucionar os métodos tradicionais seria a de fazer largo uso dos meios de expressão outros que não a linguagem oral e escrita, a fim de dar uma formação integral aos educandos.(SCHMDT, 1958 P.170)

A arte do educador tem que se reconhecer como o ser mediador capaz de alterar a realidade em que opera. Preocupando-se em elaborar as atividades, estabelecendo etapas de execução e avaliação, predispondo se a reelaboração dependendo da resposta do grupo. Muitas vezes é necessário reiniciar em virtude das iniciativas e sentimentos que as crianças evidenciam no desdobrado cênico. Recomeçar não deve ocasionar ao professor desmotivação e preguiça, e sim o rebote positivo que esta lidando com o grupo que possui iniciativa diversificada e que pode exercer elevadamente a criação. É difícil prever através do jogo dramático quais serão os rumos cênicos, os mesmos tem influências direta dos fatores externos, das motivações e da conduta dos participantes.

A desenvoltura motriz corresponde à outra preocupação presente no processo de evolução infantil. Fazem parte do desenvolvimento motriz as capacidades de equilíbrio, força e resistência. As habilidades de andar, correr, saltitar, saltar, lançar, pegar, trepar, deslizar, equilibrar, rolar, balançar e pendurar são de suma importância e devem ser empregadas constantemente em atividades escolares. Quando uma criança esta fisicamente preparada para executar certos atos, essa também esta apta a entender suas limitações.

Atividades de expressão corporal possibilitam um melhor desempenho na encenação dramática. Sugestão para tais atividades é aplicar exercícios que levem a criança a caminhar em diversos níveis: como nível baixo que corresponde o solo: o nível médio que corresponde o da altura de cintura: engatinhando ou andando agachado; e o nível alto que corresponde o andar em pé: andando na ponta dos pés. Fazendo com que a criança experiente o andar apressado, intermediário ou lento e as variações de movimentos retos, redondos, quebrados, pesados ou leves. Mostrando a possibilidade de se caminhar na ponta dos pés ou calcanhares. A apresentação de várias formas de alteração permite a ampliação das habilidades motoras.

“As atividades recreativas nas escolas tem este alto valor, de facilitar a convivência entre alunos, e entre professores e alunos, desenvolvendo o verdadeiro sentido da vida em comum.”(GOUVEA, 1963 p. 38)

A arte do educador tem que gostar de brincar para que possa desenvolver em seus alunos a capacidade lúdica. O que torna necessário que o professor desenvolva sua própria capacidade lúdica, para que ao ministrar as atividades tenha

espontaneidade e estabeleça um a integração com seus alunos para conquistar sua confiança, ao estabelecer a atividade a ser empregada é necessário humildade, não colocando-se como um especialista, mas sim como alguém que esta disposto a brincar junto a criança.

O professor tem que colocar o aluno em posição desafiadora, estimulando o crescimento, intervindo sempre de forma contingente, organizando as atividades pedagógicas, e tornando a dramatização um acréscimo ao ambiente escolar.

Existe um dilema entre a idéia de competição, pois ela promove os fortes incentivando o exibicionismo e oprime os fracos, mas por outro lado, a competição permite que a criança reconheça a vitória dos outros e seu próprio insucesso adequando-a a situações vividas na vida adulta. O principal cuidado do educador é não permitir que a competição leve a frustração.

A dúvida sobre se o jogo é ou não educativo, se deve ou não ser usado com fins didáticos, poderia ser solucionado se o educador tornasse para si o papel de organizador do ensino. Isto quer dizer que ele deve ter consciência de que seu trabalho e organizar situações de ensino que possibilitem ao aluno tornar consciência do significado do conhecimento a ser adquirido e de que para que aprenda tornar-se necessário um conjunto de ações a serem executadas com métodos adequados. Dessas ações pode tomar parte o uso de algum instrumento para se atingir o objetivo decorrente da negociação pedagógica acontecida no espaço escolar. (KISHIMOTO, 1997 p.64)

Haverá alguns casos que o desprazer fará parte integrante do jogo. Dependendo das regras a ser empregado, exigir-se do infante um certo esforço para alcançá-las que poderá levar a criança a sentir desprazer ao participar da brincadeira. Mas para a criança os sentimentos negativos são de suma importância para o seu crescimento emocional. As manifestações de desagrado auxiliam no desenvolvimento da criança, desde que os sentimentos negativos não sejam uma constante.

É comum durante a brincadeira a geração de sentimentos como ódio, por exemplo, este deve ser canalizado e não reprimido pelo intermédio do educador.

Todas as emoções têm um papel importante na vida da criança, influenciando diretamente no ajustamento à vida.

A brincadeira pode auxiliar a estudar e perceber o comportamento da criança, a ajudar na organização de estruturas intelectuais em prol do alcance do conhecimento, é, pois, um processo assimilativo, participante do conteúdo da inteligência, proporcionando a aprendizagem. E o professor por sua vez, deve procurar sempre omitir seu olhar teórico perante as crianças.

2.1.1.5 Valores que podem ser trabalhados na dramatização

Cabe ao educador semear dentro das atividades valores que possibilitem o desenvolvimento do caráter, tendo em vista que o objetivo da educação é preparar o aluno para a vida comprometida com valores de integridade

Todo o infante é capaz de ponderar conscientemente seus atos e corrigi-los quando necessário, desde que educado e incentivado a isto.

É necessário ter se em vista que na infância concebesse a esperança de mudança, onde torna-se possível projetar a transformação social.

Existem valores que podem ser trabalhados no decorrer das atividades, esses seguem abaixo:

- 1- Honestidade - “fazer com que as pessoas sempre acreditem em você”
- 2- Integridade – “Ser digno de confiança”
- 3- Veracidade – “Sempre dizer a verdade”
- 4- Busca do conhecimento – “Ser inquisitivo do modo de aprender”
- 5- Otimismo “Ver o lado luminoso das coisas”
- 6- Perseverança – “Tentar obter sucesso”
- 7- Sacrifício – “Dar auxílio aos outros”
- 8- Auto-suficiência – “Fazer as coisas para você mesmo”
- 9- Contentamento – “Ser feliz com sua vida “
- 10- Gratidão – “Ser agradecido pelas coisas”
- 11- Paciência – “esperar”
- 12- Constancia - “nunca desistir”
- 13- Felicidade - “sentir um sorriso dentro de si”
- 14- Contentamento – “estar relaxado e satisfeito”

- 15- Honestidade – “ser justo com os outros “
- 16- Generosidade – “ dividir voluntariamente com os outros”
- 17- Gentileza – “tratar os outros com brandura”
- 18- Simpatia – “expressar compaixão”
- 19- Tolerância – “Ter paciência com os outros”
- 20- Dedicção – “doar-se voluntariamente aos outros “
- 21- Apreciação de outras culturas e religiões – “viver em harmonia”
- 22- Irmandade – “sentir companheirismo”
- 23- Atenção aos outros “ser carinhoso e ter consideração”
- 24- Lealdade – “ser fiel aos amigos e aos pais”
- 25- Compaixão – “ser gentil com os outros seres vivos” (DAÍ, data não especificada, p.8)

Compete ao educador o cuidado de jamais efetuar comparações de personalidades, trabalhos e maneiras diferentes de aprender. A diversidade faz parte do universo escolar, embora muitas instituições educacionais façam tudo para aboli-la a fim de manter um padrão comportamental que visa unicamente a comodidade do professor a priori do respeito e bem estar do aluno que necessita de um atendimento diferenciado. A resistência que atualmente é encontrada na realidade escolar tem por base a aversão à mudança, o corpo docente em sua maioria se opõe a modificar os fundamentos que dão sustentação a suas práticas, que interferem em abrir mão da acomodação e promover a variação de princípios.

Um aspecto relevante é conhecer as habilidades de cada criança e oferecer tarefas que vão de encontro e essas habilidades. É importante o constante cuidado do educador em entender os limites tanto intelectuais como físicos das crianças, mantendo o autocontrole para que não transpareça perante os alunos sua ansiedade e até mesmo irritabilidade provocada por essas limitações que interferem diretamente ou indiretamente no desenrolar da atividade. A paciência é uma virtude que deve ser sempre exercitada pelo professor, e o mesmo deve ter para consigo o respeito e responsabilidade de jamais expor o infante evidenciando seus erros e limitações diante do grupo. A auto-estima deve ser sempre trabalhada através do reforço das qualidades de cada criança. “A criança deve ser estimulada a se conhecer, se amar e se superar.”(KUMARIS, 1996,p 6)

“Deve ficar claro para o professor e aluno que, ruim são as negatividades, e não as pessoas .É importante que a criança se sinta amada no momento da correção; isto ajudará também a se libertar dos seus erros. “(KUMARIS, 1996, P.5)

A criança aprende naturalmente pela imitação, por isso o melhor ensinamento é aquele que é transmitido através de exemplos, principalmente os referentes ao cotidiano, pois fortificam as palavras e ficção na mente.

3 A DRAMATIZAÇÃO EM PROL DOS DEFICIENTES AUDITIVOS

A dramatização pode ser empregada com grande sucesso em atividades desenvolvidas com deficiências auditivas.

Há vários termos teóricos que classifiquem os tipos de deficiência auditivas, dependendo do seu grau de profundidade e dos fatores que a ocasionam, Mas num parâmetro geral pode-se classificar a surdez em dois grupos distintos. Surdez Condutiva que afeta o ouvido externo e médio, e que tem a possibilidade de ser corrigida através de cirurgia ou aparelhos auditivos. E a Surdez Perceptiva que afeta o ouvido interno ou nervo auditivo, responsável em carregar os impulsos do ouvido para o cérebro. A sua correção é bem mais complexa.

Houve uma época que o objetivo da educação aos surdos era lhes ensinar a falar. Deve-se, no entanto, compreender e respeitar os parâmetros de surdez. Dependendo do grau auditivo, se a pessoa é realmente incapaz de ouvir algum som, possui uma surdez profunda, é totalmente inviável insistir em ensiná-la a falar, não somente inviável como desnecessário uma vez que se pode trabalhar com a linguagem dos sinais, que permite que o raciocínio e pensamento sejam expressos pela pessoa, sem impor ou insistir que ultrapasse seus próprios limites. Esse é o maior respeito que pode dar a um indivíduo, respeitá-lo em seus limites sem obrigá-lo a ser como a maioria da população, falante.

A linguagem dos sinais trata-se de uma arte, aonde combinado os sinais cria-se imagens distintas que representam as mais diversas idéias. Considera-se que o ideal é trabalhar o uso dos sinais aliados com a fala, quando possível. Uma das maiores preocupações é a de conseguir integrar os surdos à população em geral.

A estrutura do pensamento se dá por palavras, à gramática torna possível a linguagem, e a linguagem por sua vez faz parte do pensamento, sem ela o ser humano pode ser classificado como um animal irracional.

Em se tratando de pensamento, o mais interessante ao se estudar a linguagem dos surdos é descobrir que a sua forma de raciocínio é totalmente diferenciada da nossa.

As verdadeiras linguagens de sinais são na verdade completas por si mesma: sua sintaxe, gramática e semântica são completas, mas possuem um caráter diferente de qualquer linguagem falada ou escrita. Assim, não é possível efetuar a transliteração de uma linguagem falada em Sinal palavra por palavra ou frase por frase - as estruturas são essencialmente diferentes. Imagina-se com frequência, vagamente, que a linguagem de sinais é inglês ou francês: não é nada disso, ela é própria. Sinal (SHACKS, 1990, p.46)

A educação direcionada a deficientes auditivos deve ter como preocupação à distinção de quais capacidades deve ser desenvolvida em cada fase do crescimento, em que momento ou idade é prudente ensinar a linguagem dos sinais, a leitura é prudente ensinar a linguagem dos sinais, a leitura dos lábios ou a fala .

Outra diferenciação é a dificuldade, durante a conversa com surdos, de executar uma pergunta. A pergunta tem que ser acompanhada de afirmações para ser compreendida.

Ao fazer perguntas à crianças (surdas) sobre o que haviam acabado de ler, percebi que muitas tem uma extraordinária deficiência. Não possuem artifício proporcionado pela formulação de perguntas. Não é que saibam responder à pergunta. (...) Perguntei certa ocasião a um menino: "Quem vive em sua casa? (A pergunta foi traduzida para o menino na linguagem de sinais pelo professor.) O menino manteve uma expressão vazia . Notei então que o professor transformou a pergunta numa série de sentenças declamatórias." Em cãs você, sua mãe ..." Uma expressão aflorou no rosto do menino e ele me fez uma descrição da sua casa, com todas as pessoas da família, inclusive o cachorro. (...) Notei muitas e muitas vezes que as professoras tendiam a hesitar na hora de fazer perguntas a seus alunos e com frequência as expressavam sob forma de frases incompletas, em que as crianças surdas podiam preencher os espaços vazios. (SHACKS,1990,P.73 e 74).

Os pais educadores têm que ter em mente, que surdez não é um obstáculo para o desenvolvimento infantil. O que pode vir a acarretar problemas são as dificuldades ou distorções que podem ocorrer na vida comunicativa desde o início, por isso a dramatização pode ser de grande eficácia, uma ferramenta de auxílio bastante próximo da linguagem de sinais já utilizada pelas crianças com deficiência auditiva, ajudando-as a se integrar a comunidade e ao mundo.

As crianças que não tem acesso à linguagem dos sinais correm o risco de apresentar uma deficiência lingüística e intelectual permanente, por isso a preocupação de auxiliá-las a desenvolver desde cedo a linguagem, se a linguagem for cênica melhor, a arte em prol do desenvolvimento intelectual, lingüístico e motor.

O perigo especial que ameaça o desenvolvimento humano, tanto intelectual quanto emocional, se a aquisição saudável de linguagem deixa de ocorrer. Num caso extremado, pode haver um fracasso total na aquisição de linguagem, a total incompreensão de idéia de linguagem. E a linguagem, como a Igreja nos lembra, não é apenas outra faculdade ou habilidade, mas sim o que torna o pensamento possível, o que separa o pensamento do não-pensamento, o que separa o humano do não-humano.(SHACKS, 1990 p.76)

A capacidade da linguagem é sempre acionada por outra pessoa que já tem o domínio da mesma. É assim que ocorre com bebês que são estimulados com freqüência pelos pais a balbuciar as primeiras palavras, da mesma forma se dá os estímulos de sinais aos bebês com deficiência auditiva. Dessa maneira bastante simples, a criança amplia a capacidade de perceber e conceituar o mundo ao seu redor. No entanto, não se pode deixar de considerar as enormes diferenças no desenvolvimento da criança auditiva de uma não-auditiva... é natural e faz parte do desenvolvimento pré-operatório, indagações dos “por quês”, “como” e dos “sés”, como já relatada anteriormente a maior dificuldade da comunidade surda está voltada a elaboração de indagações, e esse elemento pré-operatório, por sua vez, é inexistente a crianças surdas.

Uma criança que nasce surda, ou que adquire a surdez nos primeiros anos de vida, deixa de receber informações do meio ambiente através da audição. Se lhes faltam essas

informações, suas experiências serão interpretadas e estruturadas de modo diferente. (BARROS, 1997, p.7)

Ao lidar com crianças surdas é imprescindível conceber que não é apenas a linguagem que precisa ser desenvolvida, mas o pensamento também, e indagações são a constante do pensar.

É igualmente imprescindível compreender, que o pensamento em deficientes auditivos é diferente, a sua capacidade visual é mais aguçada, percebem visualmente coisas que passam despercebidas por pessoas auditivas, o relato de cenários pode ser incrivelmente minuciosos.

A surdez tem sido definida mais recentemente não apenas como uma deficiência sensorial, mas como uma síndrome que afeta o desenvolvimento emocional, social e cognitivo do sujeito na medida que estabelece uma barreira de comunicação entre aqueles que ouvem, e portanto, comunicam-se oralmente, e aqueles que, por não ouvirem, apresentam extrema dificuldade de entender a fala e de se comunicar oralmente. A audição e a linguagem oral são assim entendidas como funções interdependentes que proporcionam ao homem a possibilidade de comunicar-se e relacionar-se com os outros homens e com o mundo, promovendo crescimento intelectual e integração. (BARROS, 1997, p.7)

A dramatização por sua vez tem como papel não deixar a desejar o crescimento intelectual e a integração dos surdos à sociedade. Como a expressão corporal tem grande importância na comunicação entre os humanos, e o recurso cênico é o mais saliente na dramatização, as crianças com deficiência auditiva se integram com facilidade às atividades sugeridas.

Como papel do teatro é de desenvolver a capacidade analítica e observatório, acaba auxiliando as crianças surdas a ampliarem o discurso não-verbal, expandindo conceitos e demonstrando suas emoções.

“A linguagem sinalizada não é apenas como prosa ou narrativa na estrutura, mas também essencialmente “cinematográfica” (SHACKS, 1990, P. 106)

Lembrando que o próprio cinema, viveu, durante muitos anos sem contar com o recurso da fala. Os gestos e expressões faciais podem perfeitamente substituir a

comunicação verbal. Por isso a dramatização pode ser empregada com grande sucesso, auxiliando o desenvolvimento de infantes com deficiência auditiva.

3.1 DEFICIENTE E CLASSIFICAÇÃO DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Por muitos anos, e até mesmo na atualidade, a deficiência auditiva tem sido confundida com deficiência mental; e até mesmo demoníacas; e a pessoa portadora dessa deficiência é chamada de doidinha, mudo ou surda-muda.

Com avanço da ciência, todos que se alimentam dessas crenças, tiveram suas convicções superadas. Sabe-se hoje que são várias e diferenciadas as etiologias que origina a surdez, embora o conhecimento científico atual seja ainda insuficiente para identificar todas elas. RINALDI 9 1997, p.33)

Ao examinar vários estudos em Educação Especial, observa-se que cerca de 15% da população, nos países em desenvolvimento apresentam algum tipo de deficiência auditiva. É importante destacar que para cada mil crianças que nascem uma é profundamente surda. E, o desenvolvimento de problemas auditivos se dá em muitas pessoas ao longo da vida, por causa de acidentes e/ou doenças.

Para o autor a deficiência auditiva pode ser denominada como: a diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, há ausência, inabilidade para ouvir sons específicos, ambientais e da fala humana, ou seja, é a perda total ou parcial, congênito ou adquirida da capacidade de compreender a fala através do ouvido.

Dessa forma, é considerado surdo o indivíduo cuja audição não é funcional na vida comum, e parcialmente surdo, aquele cuja audição, ainda que deficiente ainda é funcional com ou sem prótese auditiva.

Portanto, para RINALDI (1997) a deficiência auditiva pode ser classificada em três tipos: o primeiro que são determinados por algumas patologias, afeta o ouvido externo ou médio como por exemplo a colocação de um corpo estranho no ouvido externo (grãos, insetos, etc), má formação da orelha, estreitamento da conduta auditiva externa, má formação das cadeias ossicular, perturbação da membrana timpânica, provocando dificuldades auditivas condutivas ou de transmissão. Este tipo de surdez faz perder o volume sonoro, seria tentar entender alguém que fala muito baixo ou está muito longe. Neste caso o indivíduo tem uma perda auditiva de até 70 decibéis que dificulta, mas não impede o indivíduo de se expressar oralmente, bem como de perceber a voz humana, com ou sem a utilização de um aparelho auditivo.

Denomina-se ainda este caso de surdez leve/moderada e que normalmente existe tratamento e cura.

O segundo tipo envolve o ouvido interno ou nervo auditivo e denomina-se como surdez Neuro sensorial, onde o local da lesão é determinado na Cóclea e /ou no Nervo Coclear. Neste caso em geral a surdez é irreversível, pois ela corta o volume sonoro e também distorce os sons. A perda auditiva acima de 70 decibéis, ou seja, surdez severa/profunda que impede o indivíduo de entender, com o aparelho auditivo, a voz humana, bem como, de adquirir. Naturalmente, o código de linguagem oral .

O terceiro tipo, é a surdez mista, quando o problema afeta ao mesmo tempo o ouvido médio e o ouvido interno.

Dessa forma, segundo DIAS (1995) pode-se classificar as perdas auditivas em graus: 0 a 25 decibéis pe considerado uma pessoa de audição normal. De 26 a 40 é considerado leve, o indivíduo não percebe os fonemas da mesma forma, alterando assim, a compreensão das palavras, tem voz fraca e de longe não é ouvido, é uma criança considerada sem atenção e a aquisição da linguagem é lenta, tem dificuldades na leitura e/ou na escrita que necessita de acompanhamento. A surdez moderada tem a média de 41 a 70 decibéis. A voz é percebida com certa intensidade, pode ocorrer atraso na linguagem e alteração articulatória; discriminação difícil em lugares ruidosos. Com relação a surdez severa a média é de 71 a 90 decibéis. A criança identifica ruídos familiares (predominando os graves) percebe a voz forte, compreensão verbal associada à grande aptidão visual. Já a média acima de 90 decibéis é considerada surdez profunda. A voz humana não é percebida sem um estímulo adequado, não há feedback auditiva; maior facilidade para perceber as pistas visuais. Ao se pensar e nas limitações que são associadas a ela, é natural que se procure conhecer as causas que a provocaram.

A deficiência auditiva pode ser congênita ou adquirida. As primeiras causas de deficiência congênita são hereditariedade, viroses maternas (rubéola, sarampo), doenças tóxicas da gestante (sífilis), citomegalovírus, toxoplasmose, ingestão de medicamentos ototóxicos (que leva o nervo auditivo) durante a gravidez. É adquirida, (otoesclerose), quando ocorre meningite, ingestão de

remédios ototóxicos, exposição a sons impactantes (explosão) e viroses. (RINALDI, 1997, P. 33).

Decorrente ao exposto, pode-se classificar algumas condições que tem maior destaque no âmbito biomédico, como causas potenciais da deficiência auditiva ou a ela associadas, que são as causas pré-natais, as causas peri-natais e causas pós-natais.

No primeiro caso a criança adquire a surdez através da mãe, no período de gestação, ocorrem desordens genéticas ou hereditárias, relativas à consanguinidade em fator RH, a doença infecto-contagiosa, como a rubéola, sífilis, citomegalovírus, toxoplasmose, herpes, remédios ototóxicos, drogas, alcoolismo materno, desnutrição, pressão alta, diabetes, exposição a radiação, entre outras.

No segundo caso a criança fica surda, porque surgem problemas no parto, com pré-maturidade, pós maturidade, anóxia, forceps, infecção hospitalar.

Já nos pós-natais a criança fica surda, porque surgem problemas após seu nascimento. Pode ocorrer sífilis adquirido, sarampo, caxumba, exposição contínua a ruídos e sons altos, traumatismo craniano meningite, etc.

A partir do momento que a surdez é constituída na perda, maior ou menor, da percepção normal dos sons, verifica-se a existência de vários tipos de portadores de deficiência auditiva, de acordo com os diferentes graus da perda da audição.

Dessa forma, o grau e o tipo da perda de audição, assim como a idade em que esta ocorreu, vão determinar importantes diferenças em relação ao tipo de atendimento que a criança irá receber, quando for para a escola.

Sendo assim, na área da deficiência auditiva, as modalidades de atendimento estão intrinsecamente relacionadas às condições individuais do educando.

Portanto, o grau da perda auditiva e do comprometimento linguístico, a época em que ocorreu a surdez e a idade em que começou sua Educação Especial, são fatores que irão determinar importantes diferenças em relação ao tipo de atendimento que deverá ser prescrito para o educando. (RINALDI, 1997, p.95).

No entanto, quanto maior for a perda auditiva, maiores serão os problemas linguístico e maior será o tempo em que, o aluno precisará receber Atendimento especializado para auxiliar no seu desenvolvimento. A forma de atendimento que a pessoa portadora de surdez necessita receber será determinada pela avaliação de ingresso do Deficiente Auditivo na Escola.

CONCLUSÃO

A criança através da possibilidade de assimilar o mundo a sua maneira, sem precisar necessariamente comprometer-se com a realidade, através da brincadeira desenvolve sua inteligência, sendo capaz de lidar com as mais complexas dificuldades psicológicas através do brincar. Tendo-se em vista que para processar o desenvolvimento não basta acumular informações, o educador empregando a dramatização ajuda seus alunos a reestruturarem as informações já adquiridas, assimilando, criando relações e não simplesmente registrando. O professor no papel de mediador das atividades empregadas levará em consideração o interesse da classe, observando a capacidade de adaptação e o processo de construção do raciocínio em conjunto. A criança adquire a possibilidade de organizar, planejar, e de substituir a definição dos objetos, reproduzindo novas relações enquanto trabalha cenicamente.

É preciso coragem para enfrentar as ambigüidades que o jogo nos oferece e estimular sua utilização de acordo com os objetivos pretendidos, e ainda estar preparado para intervir de acordo com a incerteza da resposta infantil. (KISHIMOTO, 1997 p.140)

Além de posse dessa coragem, o professor arte dramático tem desenvolvido sua capacidade de medir as tendências, de fazer previsões do que provavelmente irá se desenrolar durante as atividades, tendo posse de dados adequados e conhecendo as características de seus alunos. Pode-se afirmar que o predomínio de emoções agradáveis ou desagradáveis na infância depende em parte do ambiente que ela cresce e do seu relacionamento com as pessoas que a rodeiam, justamente esse é o principal objetivo da dramatização, possibilitar que o desenvolvimento infantil seja o mais saudável possível, contribuindo não só para o desenvolvimento do ser mas, inclusive para uma sociedade futura melhor.

Conclui-se que a dramatização é um grande recurso pedagógico que auxilia a criança a desenvolver sua motricidade, seu intelecto e a conhecer suas emoções lidando adequadamente com elas, tornando-se um ser humano psicologicamente saudável, com liberdade de escolha. A escolha se fará consciente, coletando fatos e efetuando comparações.

O papel da dramatização é planejar o desenvolvimento infantil num contexto mais amplo. Cabe ao corpo docente reconhecer sua eficácia e empregá-la no currículo escolar. Faz-se necessário adotar uma postura educacional diversificada, preocupada não apenas em passar informações, mas ajudar no desenvolvimento infantil como um todo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ana Lucia Dias e outros. *Crianças Surdas em Idade pré-Escolar e a Investigação da Classificação de Objetos*. Brasília: Corde, 1997.

DIEM, Liselott. *Brincadeiras e esporte no jardim de infância*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico S.A., 1981.

GOUVEA, Ruth. *Recreação*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1963.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida e outros – *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*: São Paulo: Cortez Editora, 1997.

LEENHARDT, Pierre. *A criança e a expressão dramática*. Lisboa: Editora Estampa, Ltda, 1974.

LEMOS, Lucia de. *Dramatização na Escola Primária*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico S.A., 1968.

MACEDO, Rosa Mara Stefanini. *Piaget: Obra e Vida*. São Paulo: Abril S.A., 1978.

RINALDI, G *Estimulação Precoce*. Brasília – DF , 1997

SHACKS, Oliver. *Vendo Vozes*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

VISCA, Jorge. *Clinica Psicopedagógica: Epistemologia Convergente*. Buenos Aires: Mino y Dávila Editores, 1985.